

1943

RAMADA CURTO



**MADAME  
SOLANGE,  
VIDENTE**

PEÇA EM 3 ACTOS



LIVRARIA POPULAR DE FRANCISCO FRANCO

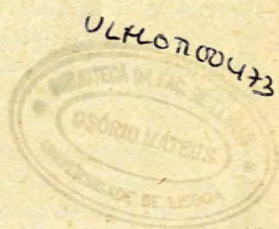
14, RUA BARROS QUEIRÓS, 18 — LISBOA

RAMADA CURTO

# MADAME SOLANGE, VIDENTE

---

PEÇA EM 3 ACTOS



LIVRARIA POPULAR  
DE  
FRANCISCO FRANCO  
14, Rua de Barros Queiroz, 18  
LISBOA

## PERSONAGENS

---

MADAME SOLANGE .....	<i>Palmira Bastos</i>
D. ISABEL MESQUITA .....	<i>Lucília Simões</i>
LUÍSA .....	<i>Adelina Campos</i>
CIPRIANO .....	<i>Sacramento</i>
HENRIQUE SILVEIRA .....	<i>Perry</i>
JORGE MESQUITA .....	<i>Samuel Diniz</i>
VITÓRIA .....	<i>Elvira Veloso</i>
TOMY .....	<i>Igrejas Caeiro</i>
CREADA .....	<i>Isabel de Carvalho</i>
O AGENTE .....	<i>Henrique Pereira</i>

## PERSONAGENS DO 2.º ACTO

---

A VELHA DO NAUFRÁGIO .....	<i>Emília d'Oliveira</i>
A HISTÉRICA .....	<i>Constança Novarro</i>
O PROFESSOR .....	<i>Jorge Grave</i>
O REFORMADO .....	<i>João Calazans</i>
O SILENCIOSO .....	<i>Henrique Pereira</i>

*Lisboa — Actualidade*

## PRIMEIRO ACTO

*A cena representa o gabinete de consultas de Madame Solange. É um escritório luxuoso, ao gôsto moderno, sem nada que indique a cartomante, a chiromante, a bruxa. Secretária e o seu fauteuil; um ficheiro por detrás como os dos médicos; telefone, maples, etc.*

*Apenas ao fundo do lado direito, no ângulo da direita com o fundo, há uma espécie de barraca separada de cena por umas cortinas que se correm. Quando as cortinas estão abertas vê-se dentro da barraca uma «chaîse-longue». A barraca parece um pequeno palco mas sem estrado, e é forrada interiormente de preto. Portas nos dois planos.*

*Ao fundo há uma porta falsa que se abre e fecha sem ruído, e de que só se conhece a existência quando se abre. Aos cantos do fundo, duas lanternas como as dos fotografos, com luz verde, sôbre duas colunas, que só se acendem a certa altura do 2.º acto.*

## CENA I

### Solange e o Agente

#### SOLANGE

*(Lendo os papéis que o Agente lhe apresenta)* Os senhores não querem compreender. Ou não sabem, o que é também possível. No primeiro caso é má vontade. No segundo é pior porque é estupidez. E isso não tem remédio...

#### AGENTE

Mas, madame... Nós procuramos ser o mais completos possível...

SOLANGE

E é precisamente disso que eu me queixo. A senhora saiu às tantas, meteu-se no automóvel às tantas, encontrou-se com o senhor às tantas... A senhora levava raposas azues, o senhor vestia calça clara... Mas que me interessa isso, senhor Teodoro? Que existe o senhor e a senhora já eu sei. A mim o que me interessa são os hábitos, os feitios, os gostos, os particulares, entende? Dum e doutro. E sobre isso os senhores são mudos.

AGENTE

A nossa casa é especialista em informações e vigiâncias. E já temos trabalhado para outras senhoras... videntes como V. Ex.<sup>a</sup>.

SOLANGE

Ia a dizer bruxas, confesse?...

AGENTE

Que idéia, madame! Senhoras assim que adivinham, como V. Ex.<sup>a</sup>.

SOLANGE

Eu não adivinho nada, senhor!

AGENTE

Isso é modéstia...

SOLANGE

Não é, creia. Adivinho o que é evidente. Era, por exemplo, capaz de adivinhar que você é tôlo... E não parece, não é verdade?

AGENTE

Favores de V. Ex.<sup>a</sup>...

SOLANGE

Era difícil. O senhor parece-se até imenso com o Sherlock-Holmes...

AGENTE

Em quê, Madame?

SOLANGE

Nas costas.

## CENA II

Os mesmos e Henrique

SOLANGE

(A Henrique) Tão cêdo! Já de ponto em branco! Onde é a ida?

HENRIQUE

Tenho de sair... Negócios

SOLANGE

(Ri) Negócios!...

HENRIQUE

De que te ris? Palavra... Uma oportunidade que vou ver se aproveito. Não és só tu que sabes ganhar dinheiro. (Ao Agente) Olá, você por aqui, Teodorozinho? Vem consultar Madame? Faz bem. Um conselho dela modifica uma vida.

SOLANGE

(Baixo) Cala-te... Não gosto de confianças...

AGENTE

(Measureiro) V. Ex.<sup>a</sup> está a brincar... Eu não sou rico.

HENRIQUE

Não importa... Madame tem preços de policlínica para as classes menos abastadas. Os seus conselhos têm vitaminas.

SOLANGE

Vá-se embora, senhor Teodoro. E diga ao director que cá o espero amanhã com as informações que lhe pedi...

AGENTE

Às ordens de V. Ex.<sup>a</sup> (A Henrique) Senhor Silveira...

HENRIQUE

Adeus Teodorozinho... Folguei em vê-lo. (Agente sai).

## CENA III

## Solange e Henrique

SOLANGE

Donde conheces tu êste pobre diabo?

HENRIQUE

Eu? Mas de tôda a parte... O Teodoro é um homem público... Quer dizer é um homem que tôda a gente conhece... É do *gratin* de Lisboa. Tem sido tudo: moço de forçado, pregceiro de leilões, corrector, intérprete. O que é êle agora?

SOLANGE

É duma Agência... Polícia particular.

HENRIQUE

Perfeitamente... Também já tem estado preso. É rapaz de grandes dotes.

SOLANGE

Não sabia...

HENRIQUE

Ah? Não sabias? Tu! Estás a brincar... Tu que adivinhas tudo... Como se a personalidade do Teodoro pudesse ter segredos para uma vidente, uma bruxa como tu...

SOLANGE

Não gosto que me chames bruxa... Espera que eu envelheça mais.

HENRIQUE

Perdôa. Vidente, feiticeira...

SOLANGE

Já tive quem mo chamasse...

HENRIQUE

Ah, já? Há quanto tempo?

SOLANGE

Henriquinho! Não sejas insolente. Não vale a pena. Lá porque eu sou tua amiga, porque tu me divertes, porque te acho graça e és bonito rapaz, não é razão para me seres desagradável... Sabes o que eu fiz uma vez a um gato que tinha?

HENRIQUE

A um gato?

SOLANGE

Sim, a um *angora* de luxo, cinzento, muito felpudo — um lindo exemplar! Eu tratava-o com mimos que nem imaginas. Estraguei-o, parece-me. Deu em ser mau, em arranhar, em fazer o que não devia, nas carpetes. Sabes o que eu lhe fiz?

HENRIQUE

Mas a que propósito vem o gato? Não entendo...

SOLANGE

Efectivamente tu percebes as coisas com uma certa dificuldade, por vezes.

HENRIQUE

Queres chamar-me estúpido?

SOLANGE

Eu?! Que idéia! Quero eu dizer que dei o gato, entendes?



HENRIQUE

Sim. E depois?

SOLANGE

Depois? Dei-o, porque tive quem mo aceitasse. Supõe que eu te queria dar a ti, meu querido? (*Abraça-o*) Estás bem certo que haveria quem te aceitasse, feiticeiro?

HENRIQUE

Perdão... Eu não sou gato...

SOLANGE

(*Ri*) Ah! Esquecia-me que tenho que te mostrar uma coisa. Estás com muita pressa? Não podes dar-me dois minutos?

HENRIQUE

Dois minutos? Ora essa... Mais... Estou ao teu dispor.

SOLANGE

És um encanto. (*Vai a um móvel, abre uma gaveta, tira de dentro um maço de fotografias*) Quero mostrar-te umas coisas que nunca viste...

HENRIQUE

Que é isso?

SOLANGE

São retratos... De Paris, de Londres, de Berlim... (*Mostrando-lhe um retrato*) Êste, por exemplo... Que te parece esta rapariga?

HENRIQUE

Que bonita! Quem é?

SOLANGE

E esta mulher? Em traje de baile?... Olha que o *sautoir* de pérolas que ela tem ao pescoço é verdadeiro... E a *aigrete* é tôda em brilhantes e safiras...

HENRIQUE

Co'os demónios!... Parece uma rainha... (*Reparando, com pasmô*) Mas esta mulher és tu!...

SOLANGE

Pois sou... Êsse vestido era lindo. Fui com êle a um baile duma embaixada em Londres.

HENRIQUE

E já eras... vidente, nesse tempo?

SOLANGE

Sempre. Isto é um dote. Desde pequena. Nesse tempo era vidente por conta do govêrno dum país... Pagavam-me bem.

HENRIQUE

Já te chamavas Solange?

SOLANGE

Não. Nesse tempo era Fanny, Fanny Morley.

HENRIQUE

Mas, afinal, como é que tu te chamas?

SOLANGE

Geneveva. Não é muito bonito. E o mais curioso é que sou: da Silva, como tôda a gente. E sabes qual é o nome da minha terra: Pescancêco Fundeiro. Tu não calculas como é difficil a uma pessoa como eu, ser duma terra com êste nome...

HENRIQUE

Onde é isso?

SOLANGE

(*Rindo*) Na Dinamarca.

HENRIQUE

Ora...